



RELATÓRIO ESPECIAL

Política externa dos EUA em relação à América Latina na administração Trump: mudança de tendências

Madrid, julho de 2017

d+i desenvolvendo
ideias

LLORENTE & CUENCA



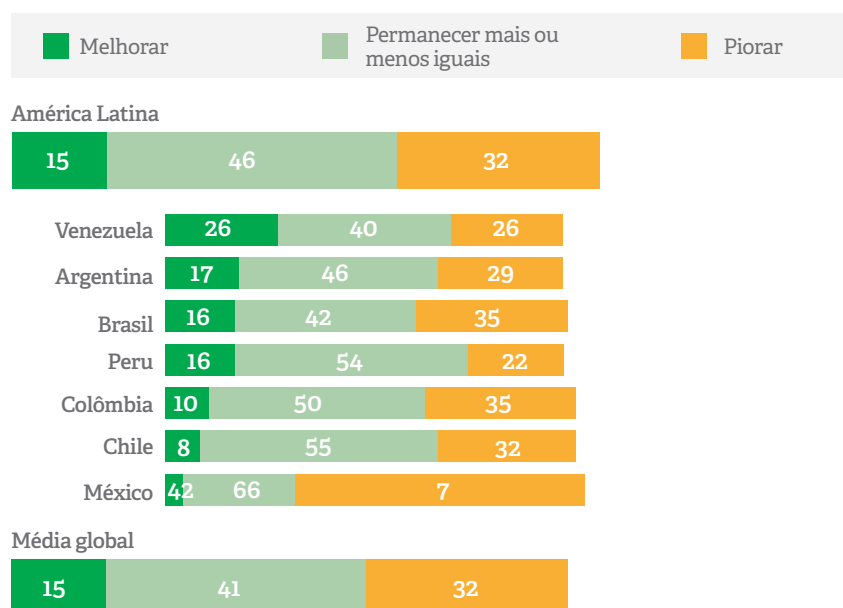
1. INTRODUÇÃO
 2. A AMÉRICA LATINA VOLTA A NÃO SER UMA PRIORIDADE
 3. PILARES DA POLÍTICA EXTERNA DOS EUA EM RELAÇÃO À AMÉRICA LATINA... QUAL A POSIÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO TRUMP?
 4. OLHAR PARA O FUTURO
- AUTOR

I. INTRODUÇÃO

Desde que os resultados das eleições anunciaram Donald Trump como presidente dos Estados Unidos em novembro de 2016, especialistas, analistas, executivos empresariais e outras pessoas que trabalham em questões relacionadas com a América Latina têm entrado em contacto com as respetivas fontes para descobrir como será a política externa da nova administração em relação à América Latina. Esta política tem estado sujeita a uma grande incerteza. A desorientação nesta região após a vitória de Trump, que tomou os líderes da América Latina – e da maior parte do mundo – de surpresa, resultou em previsões negativas sobre o impacto deste governo. Aqueles que ainda não deram o alarme estão, no mínimo, preocupados. Mas o impacto que as variações na política externa dos EUA terão na região ainda não é claro, e os analistas já aprenderam que tentar prever as jogadas do presidente Trump é arriscado. Além disso, o governo ainda está numa fase inicial, e a equipa de política externa do presidente ainda está a ganhar forma. Portanto, em vez de exagerar, é aconselhável recuar e pensar de forma estratégica sobre como a presidência de Trump pode mudar a abordagem regional dos Estados Unidos, e como o seu impacto pode ser diferente em vários países.

Figura 1: Muitos não acreditam que as relações com os EUA mudarão durante o mandato de Trump

Agora que o Donald Trump é o presidente dos EUA, acha que nos próximos anos as relações entre o nosso país e os EUA irão __?



Fonte: Pesquisa Global de Atitudes Q36 - Primavera de 2017
CENTRO DE PESQUISAS PEW

A América Latina, com a exceção do México, raramente foi mencionada durante a campanha presidencial, e é pouco provável que a região tenha uma importância estratégica aos olhos da administração Trump. Na ausência de iniciativas específicas relacionadas com a região, aliada a uma estratégia clara «*America First*» (América em primeiro lugar) do governo Trump, este artigo defende que a política externa deste governo em relação à América Latina será influenciada por posturas específicas sobre questões que têm funcionado como os três pilares fundamentais da política externa dos EUA na região, desde o final dos anos 80: livre comércio, democracia e governação (poder suave – *soft power*) e segurança. As exceções a estas posturas, inseridas nos três pilares referidos, vão provavelmente ocorrer apenas quando a Casa Branca considerar necessário agradar a um membro do Congresso dos EUA – especialmente a um senador – com interesse nalguma questão de política externa na região. Devemos estar especialmente atentos às comissões de relações externas e informação, bem como às subcomissões do Hemisfério Ocidental da Câmara dos Representantes e do Senado. Talvez o presidente Trump precise de fazer acordos para obter apoio essencial, especialmente entre os republicanos, para aprovar legislação relacionada com a política interna. Esta questão acabará por ser a principal motivação para as decisões tomadas na Casa Branca. Vamos explorar alguns dos pormenores sobre estes assuntos.

“A baixa importância estratégica da América Latina para os Estados Unidos não deverá mudar no governo de Trump”

2. A AMÉRICA LATINA VOLTA A NÃO SER UMA PRIORIDADE

Sejamos realistas: a queda do muro de Berlim mudou os interesses geoestratégicos globais dos EUA, e, após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a América Latina deixou de ser uma prioridade de política externa para o seu vizinho do Norte. O antigo presidente George W. Bush começou a sua presidência em 2000 com fortes intenções de fortalecer os laços com a região, simbolizadas pelo convite ao antigo presidente mexicano Vicente Fox para uma visita à Casa Branca, antes ainda de convidar os homólogos europeus ou canadenses. Durante a cerimônia de boas-vindas, Bush declarou que os EUA “não tinham uma relação que fosse mais importante no mundo”¹ do que a que tinham com o México, um comentário geralmente mais associado com o Reino Unido. No entanto, os ataques terroristas no território do EUA, as guerras que se seguiram no Afeganistão e no Iraque, a batalha com a al-Qaeda e o confronto com o Irão mudaram o foco da sua política externa. Entretanto, o presidente Obama deixou a região para segundo plano desde o início, em grande parte pelos motivos geoestratégicos

mencionados anteriormente. Além disso, a própria iniciativa de política externa de Obama concentrava-se num eixo estratégico na direção da Ásia, especialmente devido à rápida ascensão da China, e na obtenção de um acordo nuclear com o Irão. A sua relação controversa com o russo Vladimir Putin, que no início tentou erradamente apaziguar, e a ascensão do Estado Islâmico (ISIS) na Síria e no Iraque também ocuparam a sua agenda de política externa. Os vizinhos a sul dos Estados Unidos ficaram em segundo plano durante a sua presidência.

A baixa importância estratégica da América Latina para os Estados Unidos não deverá mudar no governo de Trump, tendo em conta a quantidade de questões de política externa urgentes atualmente enfrentadas pela Casa Branca e relativas a outras partes do mundo. Esta situação só vai mudar se ocorrer alguma situação inédita na região, que possa pôr em perigo a segurança dos EUA. O presidente Trump pouco referiu a América Latina durante a sua campanha, para além de ter usado o NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) como principal bode expiatório quando argumentou contra os acordos

¹ Jones, G. (6 de setembro de 2001). Fim de uma relação especial? CNN. Obtido em 1 de junho de 2017, em <http://www.cnn.com/2001/WORLD/europe/09/06/bush.europe/>

“A administração nomeou pessoas com forte experiência em questões sobre a América Latina para posições essenciais do governo, principalmente na segurança e na defesa”

multilaterais de livre comércio, e de se ter focado na imigração ilegal proveniente da fronteira EUA-México.

Nomear um secretário de estado adjunto para assuntos do Hemisfério Ocidental, o mais alto diplomata dos EUA para a região, não tem sido uma prioridade, uma vez que há outros postos do Departamento de Estado dos EUA a ocupar primeiro.

De fato, um dos primeiros contratamentos do secretário de estado Rex Tillerson ocorreu durante a primeira semana no cargo, quando o presidente Trump rejeitou Elliott Abrams, a principal escolha de Tillerson para servir como secretário de estado adjunto, devido às críticas que Abrams tinha dirigido a Trump durante a campanha. O cargo acabou por ser ocupado no final de maio, quando o Senado confirmou John Sullivan para o lugar. Antigo secretário do comércio adjunto do governo de George W. Bush, Sullivan foi escolhido por Trump para ser o principal advogado no Pentágono, mas, após uma longa procura para preencher a vaga no Departamento de Estado, tornou-se o candidato aprovado por Trump e Tillerson para o cargo de secretário adjunto. Na verdade, a responsabilidade da morosidade da confirmação de vários cargos no governo não pode ser atribuída apenas à Casa Branca. Os democratas do Senado também adiaram as audiências de confirmação

para todos os departamentos indicados por Trump, para frustração dos republicanos.

Enquanto o mais elevado posto diplomático atual para a região permanece vago, vale a pena notar que a administração nomeou pessoas com vasta experiência em questões sobre a América Latina para posições essenciais do governo, relativas principalmente à segurança e à defesa. O general John Kelly, diretor de Segurança Interna, foi líder do Comando Sul dos EUA, que, entre outras coisas, supervisiona a cooperação de segurança com a América Latina e com as Caraíbas, excetuando o México. O subsecretário do Gabinete de Assuntos Internacionais de Estupefacientes e Aplicação da Lei (*Bureau of International Narcotics and Law Enforcement Affairs*), William Brownfield, é um oficial de carreira de relações internacionais com um longo percurso na América Latina, incluindo os cargos de embaixador na Colômbia, na Venezuela e no Chile. Recentemente, juntaram-se à equipa outros especialistas na América Latina: Sergio de la Peña, um coronel dos EUA aposentado, que tinha a sua própria empresa de consultoria para aconselhar as empresas americanas sobre como fortalecer relações com os governos da América Latina, foi nomeado secretário da defesa adjunto para o Hemisfério Ocidental; Juan Cruz, um veterano de carreira da CIA

“Desde o final dos anos 80, a política externa dos EUA em relação à América Latina tem-se baseado principalmente em três pilares fundamentais: livre comércio, democracia e governação (poder suave – *soft power*) e segurança”

e antigo Chefe de Estação na Colômbia, foi nomeado diretor para assuntos do Hemisfério Ocidental no Conselho de Segurança Nacional.

3. PILARES DA POLÍTICA EXTERNA DOS EUA EM RELAÇÃO À AMÉRICA LATINA... QUAL A POSIÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO TRUMP?

Desde o final dos anos 80, a política externa dos EUA em relação à América Latina tem-se baseado principalmente em três pilares fundamentais: livre comércio, democracia e governação (poder suave – *soft power*) e segurança. De presidentes republicanos, como Ronald Reagan, George H. W. Bush e George W. Bush, a democratas, como Bill Clinton e Barack Obama, todos os governantes norte-americanos têm apoiado estas três áreas, embora com abordagens ligeiramente diferentes.

LIVRE COMÉRCIO

O livre comércio é talvez a área de política externa em que a Casa Branca demonstrou maior clareza e coerência nas suas posições. O presidente Trump manteve-se fiel ao seu discurso eleitoral, apesar das opiniões daqueles que defendiam que a sua campanha era mais um espetáculo para atrair os

eleitores do que uma explicação das suas próprias políticas de governo. Assim que assumiu a presidência, retirou os EUA do acordo de livre comércio Parceria Transpacífico (TPP), que abrangia a Ásia e que incluía também três países da América Latina (Chile, México e Peru). Trump também reiterou a sua vontade de renegociar o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), bem como todos os tratados que «não beneficiam» os Estados Unidos.

Os principais intervenientes no comércio e no investimento estrangeiro que ligam os Estados Unidos e a América Latina vão manter uma estreita relação económica. Os EUA são atualmente o principal parceiro comercial da América Latina, e o seu principal investidor. Em 2016, as exportações dos EUA para a América Latina atingiram os 353,4 mil milhões de dólares, enquanto as exportações da América Latina para os Estados Unidos totalizaram 397,1 mil milhões de dólares.² Entretanto, o investimento direto estrangeiro dos EUA na região atingiu os 46 mil milhões em 2015.³

Trump e os seus conselheiros económicos expressaram ceticismo em relação aos acordos multilaterais, favorecendo antes os acordos bilaterais. Independentemente

² Departamento do Censo dos EUA (2016). Comércio de mercadorias dos EUA por país. Obtido em 1 de junho de 2017, em <https://census.gov/foreign-trade/balance/index.html>

³ Comissão Económica das Nações Unidas para a América Latina e para as Caraíbas (ECLAC) (junho de 2016). Investimento Direto Estrangeiro na América Latina e nas Caraíbas 2016. Obtido em 2 de junho de 2017, em <http://caribbean.cepal.org/content/foreign-direct-investment-latin-america-and-caribbean-2016>

“Trump venceu com um forte discurso de defesa dos empregos nos Estados Unidos que desapareceram em resultado de «maus acordos comerciais», e não vai recuar numa das suas posições fundamentais”

da estrutura, os tratados de comércio mais escrutinados serão aqueles em que os Estados Unidos apresentarem maiores défices. Ao analisar os números, torna-se evidente que, tirando o México da equação, os Estados Unidos têm um excedente comercial global com a América Latina. Naturalmente, esta é uma abordagem muito simplista ao comércio, mas, tendo em conta a tendência nacionalista prevalecente no cenário político interno dos EUA, o comércio com o México tornou-se um alvo fácil durante a campanha e no caminho para a presidência.

As revisões do NAFTA vão com certeza dominar a agenda de comércio. Trump venceu com um forte discurso de defesa dos empregos nos Estados Unidos que desapareceram em resultado de «maus acordos comerciais», e não vai recuar numa das suas posições fundamentais. Sendo assim, a questão é até que ponto será modificado o NAFTA. Em 2016, o défice comercial dos EUA com o México era de 63 mil milhões de dólares, com as exportações dos EUA a totalizar os 231 mil milhões, e as importações a chegar aos 294 mil milhões.⁴ A eleição de Trump e a retórica envolvente já provocaram uma desvalorização de dois

dígitos no peso, causando um impacto significativo nas projeções de crescimento do México para 2017 e 2018. No entanto, a revisão do NAFTA também pode ter repercussões negativas para as empresas dos EUA que têm negócios no México, e deverá ser sentida pelos consumidores norte-americanos habituados a uma grande variedade de produtos a preços baixos, tais como carros montados no México, peças para automóveis, e até abacates, incluídos nos atuais termos do acordo. O México é também um forte aliado dos EUA em matéria de segurança, desempenhando um papel importante no controlo dos fluxos de tráfico de estupefacientes e de imigração. Estas são questões sensíveis e prioritárias para os Estados Unidos, e a cooperação com o México nessas áreas é crucial. Certamente serão feitas alterações ao acordo NAFTA, mas teremos de ler as letras pequenas para avaliar a gravidade do seu impacto.

O outro acordo de livre comércio multilateral na região, o Tratado de Livre Comércio entre a República Dominicana e a América Central (CAFTA-DR) entre os Estados Unidos, a América Central e a República Dominicana, que também poderá ser revisto, não deverá

⁴ Departamento do Censo dos EUA (2016). Comércio de mercadorias dos EUA por país. Obtido em 1 de junho de 2017, em <https://census.gov/foreign-trade/balance/index.html>

“Ter um bom relacionamento com Trump e com a sua equipa, como no caso do presidente argentino Mauricio Macri, pode trazer resultados positivos”

sofrer muitas alterações, considerando o excedente comercial dos EUA de 5,5 mil milhões de dólares em 2016.⁵

Nos acordos bilaterais de livre comércio com o Chile e com o Peru, os Estados Unidos também têm um excedente de 4,1 mil milhões de dólares e 1,8 mil milhões de dólares, respetivamente.⁶ No caso da Colômbia, a administração Trump vai provavelmente olhar além dos números e utilizar o Acordo de Promoção do Comércio Estados Unidos – Colômbia (TPA) como ferramenta para mais negociações.

O défice comercial dos EUA com a Colômbia atingiu 696,3 milhões em 2016,⁷ mas, neste caso, o acordo comercial bilateral pode desempenhar um papel importante nas negociações globais com um aliado essencial nos esforços para restringir o tráfico de estupefacientes. Isto inclui as negociações da iniciativa *Peace Colombia*, que receberam uma pacote de ajuda de 450 milhões

de dólares em 2017 do governo Obama para proporcionar desenvolvimento, assistência militar e de segurança, e ainda apoio para o estabelecimento de instituições.⁸ As perspetivas de ajuda dos EUA em 2018 para a *Peace Colombia* na proposta de orçamento de Trump preveem uma diminuição de 21% comparativamente ao financiamento do ano fiscal de 2016.⁹ Além disso, a cooperação da Colômbia com os Estados Unidos em relação à evolução da crise política na Venezuela também pode ser um fator em novas negociações, com impacto nas relações Colômbia – EUA.

O comércio com os Estados Unidos continuará a ser importante para outros países da América Latina. Depois do México, o Brasil continua a ser o parceiro comercial mais importante da região. Em 2016, o excedente comercial dos EUA com o Brasil era de 4,1 mil milhões de dólares, com as exportações dos EUA a totalizar 30,3 mil milhões e as importações chegando

⁵ Departamento do Censo dos EUA (2016). Comércio de mercadorias dos EUA por país. Obtido em 1 de junho de 2017, em <https://census.gov/foreign-trade/balance/index.html>

⁶ Departamento do Censo dos EUA (2016). Comércio de mercadorias dos EUA por país. Obtido em 1 de junho de 2017, em <https://census.gov/foreign-trade/balance/index.html>

⁷ Departamento do Censo dos EUA. (2016). Comércio dos EUA, em mercadorias por país. Obtido em 1 de junho de 2017, em <https://census.gov/foreign-trade/balance/index.html>

⁸ Wade, J. (7 de maio de 2017). A Colômbia recebe 450 milhões de dólares de ajuda dos EUA, mas o financiamento para a paz a longo prazo continua incerto. *Finance Colombia*. Obtido em 1 de junho de 2017, em <http://www.financecolombia.com/colombia-to-receive-450-million-usd-in-aid-from-united-states-in-2017-but-longer-term-peace-funding-remains-uncertain/>

⁹ A América Latina é globalizada (3 de maio de 2017). A assistência ao desenvolvimento para a América Latina e para as Caraíbas no baixo orçamento de Trump. Obtido em 2 de junho de 2017, em http://latinamericagoesglobal.org/2017/05/just-facts-development-assistance-latin-american-caribbean-trumps-state-skinny-budget/#.WQzb6Pa4_UI.twitter

“Ao longo das últimas décadas, o poder suave (*soft power*) tem sido uma das áreas de maior destaque na política externa dos EUA em todo o mundo e um marco nas relações dos EUA com a América Latina”

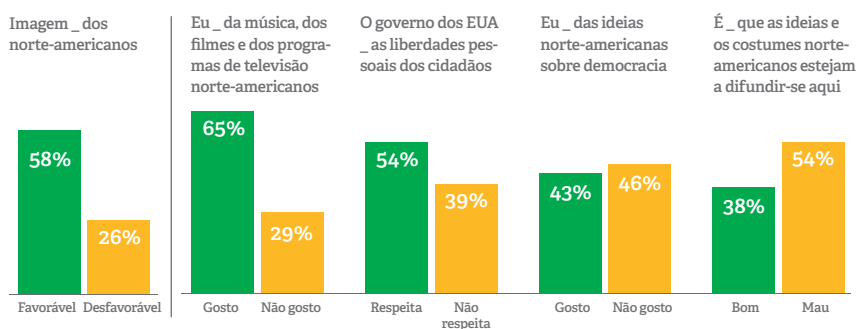
aos 26,2 mil milhões.¹⁰ Sem acordos de livre comércio implementados ou com implementação prevista, não se espera que haja alterações significativas. Na verdade, ter um bom relacionamento com Trump e com a sua equipa, como no caso do presidente argentino Mauricio Macri, pode trazer resultados positivos, especialmente quando a questão não está sob os holofotes dos média nem tem repercussões políticas para o presidente. Após a visita de Macri à Casa Branca, o Departamento de Agricultura dos EUA anunciou que iria levantar a proibição da importação de limões argentinos. Esta decisão permitiu aos Estados Unidos importar limões do país da América do Sul, um dos maiores produtores do mundo, apesar da oposição dos produtores da Califórnia, curiosamente um estado que não apoiou muito o presidente durante as eleições.

O presidente Macri tem trabalhado ativamente para estabelecer uma estreita parceria com Washington, posicionando a Argentina como parceiro de confiança na região e tirando partido da sua relação pessoal com Trump, decorrente de negócios imobiliários do passado. Além disso, os Estados Unidos registaram um excedente comercial com a Argentina de 3,9 mil milhões de dólares em 2016.¹¹

DEMOCRACIA E GOVERNAÇÃO (PODER SUAVE – *SOFT POWER*)

O termo «poder suave» (*soft power*) foi definido por Joseph S. Nye, professor da Universidade de Harvard, como «a capacidade de influenciarmos os outros para obtermos os resultados que pretendemos, com base na atração, e não na coerção ou no pagamento».¹² Ao longo das últimas décadas, o poder suave tem sido uma das

Figura 2: Resultados divididos da classificação do poder suave (*soft power*) norte-americano



Observação: As percentagens são médias globais baseadas em 37 países.

Fonte: Pesquisa Global de Atitudes (Global Attitudes Survey) Q12b, Q27b, Q31, Q32 e Q33 - Primavera de 2017
CENTRO DE PESQUISAS PEW

¹⁰ Departamento do Censo dos EUA (2016). Comércio de mercadorias dos EUA por país. Obtido em 1 de junho de 2017, em <https://census.gov/foreign-trade/balance/index.html>

¹¹ Departamento do Censo dos EUA (2016). Comércio de mercadorias dos EUA por país. Obtido em 1 de junho de 2017, em <https://census.gov/foreign-trade/balance/index.html>

¹² Nye Jr, Joseph S. «Diplomacia pública e poder suave.» *As crônicas da academia americana da ciência política e social*. 616.1 (2008): 94-109. Obtido em 2 de junho de 2017, em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0002716207311699>

“O lema do presidente Trump «*America First*» (América em primeiro lugar), respeitante à política externa, significa colocar acima de todos os outros interesses aquilo que ele considera contribuir para a prosperidade económica e para a segurança dos EUA”

áreas de maior destaque na política externa dos EUA em todo o mundo e um marco nas relações dos EUA com a América Latina. Os Estados Unidos fizeram bom uso desta abordagem para construir boas relações com outros países e para reforçar a sua posição como líder mundial. Esta abordagem propaga a cultura, a língua, as tradições e os valores dos EUA por todo o mundo, popularizando o «estilo de vida americano» e influenciando opiniões e políticas. Esta tendência tem aumentado exponencialmente devido ao progresso das novas tecnologias, dos média, da era da informação e das redes sociais.

A promoção da democracia e da governação tem sido o foco destes esforços. O seu principal veículo tem sido a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), fundada em 1961 para promover o desenvolvimento económico e os programas sociais com base na assistência internacional. Desde os anos 90 que o foco da USAID na América Latina tem incidido sobre a promoção da democracia e da boa governação, com programas notáveis no México, na América Central, nas Caraíbas e na região dos Andes.

Em particular, a Colômbia tem sido um país fundamental, tendo em conta que a assistência militar com base no Plano Colômbia foi rigorosamente acompanhada por programas com o objetivo de reforçar o estado de direito e a boa governação em áreas em que o governo estava a recuperar das guerrilhas da guerra civil, que durou décadas.

Esta área é a que, mais provavelmente, sofrerá a maior mudança relativamente à política externa na região. O governo Trump assinalou, de forma clara, o seu desinteresse pela promoção da governação democrática e pela imposição dos valores norte-americanos de liberdade e democracia. Esta situação tornou-se evidente quando o secretário de estado Rex Tillerson se dirigiu aos membros e diplomatas do Departamento de Estado para destacar a visão «*America First*» (América em primeiro lugar) de Trump relativamente ao envolvimento com o mundo. Tillerson enfatizou que as políticas e os valores não estão necessariamente alinhados, indicando que, se os Estados Unidos condicionarem as suas políticas externas noutros países que adotem estes valores, «é, de facto, criado um obstáculo à capacidade de avançar nos [seus] interesses

“A proximidade geográfica com a América Latina significa que potenciais tumultos na região se podem transformar em ameaças à segurança dos Estados Unidos”

económicos e de segurança nacional”.¹³ O lema do presidente Trump «*America First*» (América em primeiro lugar), respeitante à política externa, significa colocar acima de todos os outros interesses aquilo que ele considera contribuir para a prosperidade económica e para a segurança dos EUA.

O orçamento para 2018 da administração Trump requer cortes de 32% nos orçamentos do Departamento de Estado e da USAID, incluindo ajudas norte-americanas à América Latina de 36%. A assistência norte-americana ao México será reduzida em 45%, as ajudas à Guatemala em 38%, às Honduras em 31% e ao Haiti em 18%. Os cortes propostos afetam uma série de programas de assistência a nível global, com áreas como a educação e os intercâmbios culturais a sofrerem cortes superiores a 50%.¹⁴ O orçamento será certamente alterado pelo Congresso, apesar de não se saber em que medida. No entanto, isto representa uma alteração na política norte-americana relativamente a esta área.

Apesar destes significativos ajustes na política, os pontos-chave na democracia e nos direitos humanos, importantes para os legisladores republicanos norte-americanos, continuam a ganhar alguma relevância, tendo em conta que o presidente Trump vai precisar do apoio destes legisladores para prosseguir com a agenda. Por exemplo, o presidente terá provavelmente de se envolver, quer queira quer não, em questões como as de Cuba e da Venezuela, casos regionais prementes nos quais os principais senadores, como Marco Rubio, vão desempenhar funções de influência na formulação da política norte-americana. De facto, isto já levou Trump a rescindir partes das ordens executivas de Obama relacionadas com viagens e com negócios com Cuba, argumentando que Havana tinha recebido demasiadas concessões de Washington sem retribuir, especialmente na área dos direitos humanos. Isto é algo que o presidente pode implementar rapidamente, sem grandes consequências políticas internas. Embora alguns políticos e empresas

¹³ Borger, J. (3 de maio de 2017). Rex Tillerson: «*America first*» (América em primeiro lugar) implica a rutura da nossa política com os nossos valores. *The Guardian*. Obtido em 2 de junho de 2017, em <https://www.theguardian.com/us-news/2017/may/03/rex-tillerson-america-first-speech-trump-policy>

¹⁴ Oppenheimer, A. (19 de maio de 2017). A proposta orçamental de Trump demonstra desinteresse e desdém pela América Latina. *Miami Herald*. Obtido em 2 de junho de 2017, em <http://www.miamiherald.com/news/local/news-columns-blogs/andres-oppenheimer/article152709879.html>

“O foco na segurança vai continuar a ser uma das maiores prioridades para a administração Trump, mas é pouco provável que a abordagem seja alterada”

dos EUA desejassem ter maior acesso ao mercado cubano, a realidade é que poucos deles terão perdas se as regulamentações de comércio e viagens com a ilha forem novamente restringidas.

SEGURANÇA

O pilar da segurança tem sido sempre uma prioridade para os governos dos EUA no que diz respeito à América Latina. As principais questões de segurança para os Estados Unidos continuarão certamente a ser as do Médio Oriente, que ocupam o Presidente Trump e a agenda de segurança da sua equipa. Comparativamente às crises na Síria e no Iraque, e às ameaças de grupos terroristas do Médio Oriente, de África e da Ásia, a América Latina é uma região estável. Mesmo assim, a proximidade geográfica com a América Latina significa que potenciais tumultos na região podem transformar-se em ameaças à segurança dos Estados Unidos, fazendo desta área um importante foco de atenção da abordagem dos EUA aos seus vizinhos do Sul.

Os elevados níveis de criminalidade no México têm um impacto direto na luta contra o tráfico de estupefacientes e no controlo da fronteira dos EUA, com

o desafio acrescido de as organizações criminosas transfronteiriças operarem em ambos os lados desta fronteira. Essa situação é agravada pela crescente violência no triângulo norte da América Central – El Salvador, Honduras e Guatemala – onde uma grande onda de violência entre gangues está a facilitar também as rotas de tráfico de estupefacientes para os Estados Unidos.

Por sua vez, esta conjuntura tem estimulado a imigração, uma vez que as pessoas fogem da violência que acontece numa das regiões mais perigosas do mundo, onde, apenas em 2015, houve mais de 17 000 mortes violentas.¹⁵ A produção de estupefacientes está novamente em ascensão na Colômbia. Um longo processo de paz, que resultou em um acordo histórico entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), foi inadvertidamente acompanhado por um cultivo de coca e uma produção de cocaína recorde, e pela expansão de gangues criminosos. As rotas de tráfico de estupefacientes encontradas no Peru, na Bolívia e no Paraguai, que se estendem para zonas da Argentina e do Brasil, continuam a ser um desafio para a região, tal como

¹⁵ Centro para Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS) (dezembro de 2016). Obter crescimento e segurança no Triângulo Norte da América Central. Obtido em 2 de junho de 2017, em https://csis-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/161201_Perkins_NorthernTriangle_Web.pdf

“O tema da segurança está intimamente relacionado com questões internas, e esta Casa Branca vai estreitar essa ligação”

os fluxos de estupefacientes em expansão no Caribe – particularmente na Jamaica, na República Dominicana e no Haiti –, que também podem ter consequências para Washington.

O foco na segurança vai continuar a ser uma das maiores prioridades para a administração Trump, mas é pouco provável que a abordagem seja alterada. O orçamento inicial proposto pela Casa Branca, ainda em análise por parte do Congresso, inclui cortes na segurança, mas estes são brandos quando comparados com os cortes no auxílio de desenvolvimento. O foco na cooperação de segurança estará provavelmente nas iniciativas difíceis, como os programas de cumprimento e interdição. Quando se trata de travar o fluxo de estupefacientes, os Estados Unidos reconhecem ser parte do problema, dada a elevada taxa de consumo dentro das próprias fronteiras. No entanto, embora reconheçam o problema da procura dos EUA em recentes reuniões com oficiais de alto nível da Colômbia e do México, o secretário Tillerson

e o diretor para a Segurança Nacional, o general John Kelly, continuam a assinalar a importância de os seus vizinhos latino-americanos aumentarem os seus esforços de luta contra as drogas.

Outro fator que recebe atenção por parte da área da segurança é a identificação e a neutralização de potenciais células de grupos terroristas na América Latina, com o objetivo de perturbar as suas relações com os cartéis de droga e com o crime organizado. Várias autoridades dos EUA expressaram a sua preocupação sobre essa questão, e a administração Trump afirmou que esta vai fazer parte da agenda de segurança. Notícias recentes revelaram que entre 100 e 130 cidadãos de Trindade e Tobago deixaram o país para se juntarem ao Estado Islâmico (ISIS) na Síria e no Iraque desde 2013.

Estes dados fazem da nação insular de 1,3 milhões de pessoas o país com a percentagem mais elevada de recrutas do Estado Islâmico (ISIS) no Hemisfério Ocidental.¹⁶ Entretanto, o diretor de Segurança

¹⁶ Robles, F. (21 de fevereiro de 2017). A tentativa de interromper o fluxo de jovens recrutas para o ISIS em Trinidad. *The New York Times*. Obtido em 2 de junho de 2017, em https://www.nytimes.com/2017/02/21/world/americas/trying-to-stanch-trinidads-flow-of-young-recruits-to-isis.html?_r=0

“O livre comércio, a democracia e a governação, bem como a segurança (...) deverão ser modificados para uma abordagem mais pragmática, considerada por este governo como favorecedora dos interesses económicos e de segurança nacional dos EUA acima de todo o resto”

Nacional, o general John Kelly, mostrou preocupação sobre o estabelecimento de mais de 80 «centros culturais» do Irão na América Latina, uma região com pouca população muçulmana. «O envolvimento do Irão na região, e estes centros culturais, são preocupantes, e este envolvimento diplomático, económico e político é monitorizado de perto», afirmou Kelly. O diretor de segurança nacional também avisou que entre 100 e 150 pessoas da América Latina e das Caraíbas viajam para a Síria para se juntarem ao Estado Islâmico (ISIS) todos os anos.¹⁷ Outros questionam a gravidade desta ameaça, afirmando que estas potenciais células inativas estão adormecidas desde que a questão ressurgiu após os atentados de 11 de setembro.¹⁸

O tema da segurança está intimamente relacionado com questões internas, e esta Casa Branca vai estreitar essa ligação. O financiamento global para a segurança vai aumentar, mas provavelmente

terá um componente interno. O orçamento da Casa Branca solicitou 44,1 mil milhões de dólares para o Departamento de Segurança Interna, destinado a infraestruturas nas fronteiras e ao controlo da imigração. Deste valor, 1600 milhões estão destinados à construção do muro entre a fronteira EUA-México que Trump prometeu na sua campanha, que continua a gerar controvérsia entre Washington e a América Latina.¹⁹ Este financiamento também será usado para aumentar o número de agentes de patrulha de fronteira e de funcionários de controlo alfandegário e de imigração. O Congresso dos EUA terá a última palavra na distribuição dos fundos.

4. OLHAR PARA O FUTURO

Embora ainda seja muito cedo para dizer como serão as relações entre os EUA e a América Latina no governo Trump, as pistas históricas – bem como um olhar mais atento às ações iniciais e às

¹⁷ Grandin, G. (6 de março de 2017). Sobre as células islâmicas inativas na América do Sul. *The Nation*. Obtido em 2 de junho de 2017, em <https://www.thenation.com/article/about-those-islamist-sleeper-cells-in-south-america/>

¹⁸ Grandin, G. (6 de março de 2017). Sobre as células islâmicas inativas na América do Sul. *The Nation*. Obtido em 2 de junho de 2017, em <https://www.dhs.gov/news/2017/05/24/written-testimony-dhs-secretary-john-f-kelly-house-appropriations-subcommittee>

¹⁹ Departamento de Segurança Nacional dos EUA (DHS) (24 de maio de 2017) Depoimento escrito do Secretário Kelly do DHS para uma Comissão do Senado sobre concessões, subcomissão sobre a segurança nacional relativamente ao pedido orçamental do ano fiscal de 2018 do DHS. Obtido em 2 de junho de 2017, em <https://www.dhs.gov/news/2017/05/24/written-testimony-dhs-secretary-john-f-kelly-house-appropriations-subcommittee>

mensagens dos membros principais do novo gabinete – dão-nos uma ideia do que podemos esperar para os próximos quatro anos. Na visão «América em primeiro lugar», o livre comércio, a democracia e a governação, bem como a segurança – os três pilares que moldaram o envolvimento dos EUA na América Latina desde os anos 80 – deverão ser modificados para uma abordagem mais pragmática, considerada por este governo como favorecedora dos interesses económicos e de segurança nacional dos EUA acima de todo o resto, apesar da existência de algumas exceções. No caso do comércio, a futura revisão do NAFTA deverá criar ondas e estabelecer novos parâmetros para o relacionamento EUA-México. Os acordos bilaterais existentes com países como o Peru, o Chile e a Colômbia não deverão sofrer grandes modificações; por outro lado, as novas alianças, focadas em termos económicos mutuamente benéficos, com países como

a Argentina, poderão estar em ascensão. Entretanto, os valores americanos como a democracia, a governação e o apoio aos direitos humanos, intrínsecos ao envolvimento dos EUA na região nas últimas três décadas, deverão ficar em segundo plano face a iniciativas que promovam a prosperidade económica e a segurança nacional. Mesmo assim, tendo em conta que a ajuda americana para os esforços de ajuda ao desenvolvimento, governação e educação deverá sofrer cortes significativos, os programas de segurança focados em iniciativas difíceis, como o cumprimento e a interdição, não deverão sofrer alterações – um sinal forte de que a segurança continuará a ser uma prioridade para a administração Trump. Existe ainda um grande nível de incerteza em relação ao futuro das relações EUA-América Latina com Trump, mas a política externa respeitante à região deverá refletir as prioridades pragmáticas gerais estabelecidas por este governo dos EUA.

Autor



Erich de la Fuente atualmente, sócio e CEO da LLORENTE & CUENCA nos EUA, Erich lidera as operações da empresa nos Estados Unidos (Miami, Nova York e Washington D.C.), estando à frente de uma equipa responsável por uma carteira de prestigiadas empresas norte-americanas que operam na América Latina e nas Caraíbas. As principais áreas de negócio são a assessoria na área da comunicação estratégica a empresas norte-americanas

com participações na América Latina, empresas multilaterais com presença nos Estados Unidos, operações de M&A e litígios empresariais com impacto na região, para além da realização de ações de formação profissional para executivos de alto nível. Erich também lidera os esforços para expandir o negócio da LLORENTE & CUENCA no mercado norte-americano. Antes da sua entrada na LLORENTE & CUENCA, Erich fundou a EDF Communications, empresa de comunicação estratégica e assuntos públicos, que se fundiu com a Llorente & Cuenca em dezembro de 2015.

Enquanto profissional, especializou-se na conceção e na implementação de estratégias de comunicação corporativa, de assuntos públicos, de comunicação interna e de gestão de crises para empresas e organizações sem fins lucrativos. Ao longo da sua carreira, Erich liderou a conceção de estratégias de comunicação para várias empresas, tais como a Delta Air Lines, a Microsoft, a Visa International, a Fortinet e a Honeywell. Também liderou o desenvolvimento de programas de comunicação interna de clientes como a Pfizer, a DHL e o Banco Mundial. Para além disso, assessorou empresas como a Global Crossing, a Novartis e a Smiths Detection no desenvolvimento de planos de gestão de crises e na formação dos seus colaboradores. Erich também concebeu estratégias de comunicação para diversas ONG, incluindo a Operación Sonrisa e a Fundación Panamericana para el Desarrollo.

Na área do desenvolvimento internacional, Erich foi o principal assessor de comunicação num vasto leque de programas anticorrupção, de democracia e de boa governação, promovidos por organizações multilaterais e pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Nesta área, Erich assessorou entidades públicas e privadas, assim como organizações sem fins lucrativos na América Latina, Europa de Leste, África e Oriente Médio. Também trabalhou como analista político, e participou como comentador político em vários programas de notícias na televisão.

Atualmente, Erich está a tirar um doutoramento em Filosofia, na área governamental, num programa conjunto da Universidade das Nações Unidas e da Universidade de Maastricht. A sua tese de doutoramento baseia-se na liberdade de imprensa digital na América Latina. Para além disso, tem um Mestrado em Estudos Latino-americanos da escola diplomática da Universidade de Georgetown em Washington DC, e uma graduação em Relações Internacionais pela Universidade Internacional da Flórida. Para além de espanhol e inglês, Erich fala fluentemente português, italiano e russo.

edela Fuente@llorenteycuenca.com

S/A LLORENTE & CUENCA

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio fundador e presidente
jalloriente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e diretor geral corporativo de
Talentos, Organização e Inovação
acorujo@llorenteycuenca.com

Carmen Gómez Menor
Diretora Corporativa
cgomez@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO AMÉRICAS

Alejandro Romero
Sócio e CEO Américas
aromero@llorenteycuenca.com

Luisa García
Sócia e COO América Latina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Erich de la Fuente
Sócio e CEO EUA
edela Fuente@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO América Latina
jldigirolamo@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO DE TALENTO

Daniel Moreno
Diretor de Talento
dmoreno@llorenteycuenca.com

Marjorie Barrientos
Gerente de Talento
para Região Andina
mbarrientos@llorenteycuenca.com

Karina Sanches
Gerente de Talento para
Cone Sul
ksanches@llorenteycuenca.com

ESPAÑA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e diretor geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Goyo Panadero
Sócio e diretor geral
gpanadero@llorenteycuenca.com

Barcelona

María Cura
Sócia e diretora geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madrid

Joan Navarro
Sócio e vice-presidente
Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e diretor sênior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Jordi Sevilla
Vice-presidente de
Contexto Econômico
jsevilla@llorenteycuenca.com

Latam Desk
Claudio Vallejo
Diretor sênior
cvallejo@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Impossible Tellers

Ana Folgueira
Diretora geral
ana@impossibletellers.com

Diego de León, 22, 3º izq
28006 Madrid
Tel. +34 91 438 42 95

Cink

Sergio Cortés
Sócio. Fundador e presidente
scortes@cink.es

Muntaner, 240, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 348 84 28

Lisboa

Tiago Vidal
Diretor geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. +351 21 923 97 00

EUA

Miami

Erich de la Fuente
Sócio e CEO
edela Fuente@llorenteycuenca.com

600 Brickell Ave.
Suite 2020
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 590 1000

Nova Iorque

Latam Desk
Salomón Kalach
Diretor
skalach@llorenteycuenca.com

Abernathy MacGregor
277 Park Avenue, 39th Floor
New York, NY 10172
Tel. +1 212 371 5999 (ext. 374)

Washington, DC

Ana Gamonal
Diretora
agamonal@llorenteycuenca.com

10705 Rosehaven Street
Fairfax, VA 22030
Washington, DC
Tel. +1 703 505 4211

MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE

Cidade do México

Juan Arteaga
Diretor geral
jarteaga@llorenteycuenca.com

Rogelio Blanco
Diretor geral
rblanco@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,
Col. Juárez, Del. Cuauhtémoc
CP 06600, Cidade do México
Tel. +52 55 5257 1084

A Havana

Pau Solanilla
Diretor geral
psolanilla@llorenteycuenca.com

Sortis Business Tower, piso 9
Calle 57, Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Panamá

Javier Rosado
Sócio e diretor geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Sortis Business Tower, piso 9
Calle 57, Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel. +1 809 6161975

REGIÃO ANDINA

Bogotá

María Esteve
Sócia e diretora geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4
Bogotá D.C. - Colombia
Tel. +57 1 7438000

Lima

Luis Miguel Peña
Sócio e diretor sênior
lmpeña@llorenteycuenca.com

Humberto Zogbi
Presidente
hzogbi@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro
Tel. +51 1 2229491

Quito

Alejandra Rivas
Diretora geral
arivas@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero - Edificio World Trade
Center - Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

Santiago de Chile

Francisco Aylwin
Presidente
faylwin@llorenteycuenca.com

Néstor Leal
Diretor
nleal@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801.
Las Condes.
Tel. +56 22 207 32 00

AMÉRICA DO SUL

Buenos Aires

Daniel Valli
Diretor geral e diretor sênior
de Desenvolvimento de
Negócios Cone Sul
dvalli@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Rio de Janeiro

Juan Carlos Gozzer
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - Sala 1801
RJ - 20011-000
Tel. +55 21 3797 6400

São Paulo

Marco Antonio Sabino
Sócio e presidente Brasil
masabino@llorenteycuenca.com

Juan Carlos Gozzer
Diretor geral
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111,
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390



d+i desenvolvendo ideias

LLORENTE & CUENCA

Desenvolvendo Ideias é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Desenvolvendo Ideias é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe

Desenvolvendo Ideias.

www.desenvolvendo-ideias.com

www.revista-uno.com.br